

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

161

INSCRIÇÕES 632-634



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



A ARA ROMANA DE VILA VELHA DE MOURÃO

No âmbito dos trabalhos arqueológicos preliminares ao enchimento da barragem do Alqueva, coube-nos prospectar parte da margem esquerda do Guadiana numa área que abrangia os actuais concelhos de Moura e Mourão (distritos de Évora e Beja, Alentejo, Portugal). Interessou-nos, de modo especial, pela nossa formação e porque assim o determinava a distribuição de tarefas, a inventariação, estudo e conseqüente publicação dos vestígios da ocupação medieval e moderna.

Numa das intervenções executadas, reaproveitada na parede norte da igreja da Vila Velha de Mourão, encontrou-se uma ara romana, que foi publicada nas p. 128-129 (FIG. 1) do correspondente volume das *Memórias d’Odiana*,¹ com a seguinte leitura que, no momento, com os dados de que dispúnhamos, nos pareceu a mais acertada:

D(eo?) O(ptimo?) C(?) S(acrum) / L(ucius) · ANN/IVS · SEV/ERVS / ⁵V(otum) · L(ibens) · A(nimo) · S(olvit)

Não dedicámos, é certo, especial atenção aos aspectos epigráficos propriamente ditos, o que ora nos propomos fazer, assim como dar nova interpretação às siglas da linha 1.

Apesar de o desenho dos caracteres denotar acentuada

1 SANTOS (Heloísa Valente dos) e ABRANCHES (Paula Barreira), *A ocupação medieval e moderna dos territórios da margem direita do Guadiana nos actuais concelhos de Moura e Mourão*, EDIA, Évora, 2013. ISBN: 978-989-98805-1-1. «4.11.10. A ara romana da igreja da Vila Velha», p. 128-129.

cursividade e dominante inclinação para a direita, a denunciar que a minuta terá sido escrita à mão levantada, o certo é que a paginação se revela cuidada, regular, com alinhamento à esquerda e acertada pontuação, sendo de notar, como curiosidade, o facto de o lapicida, mau grado a falta de espaço, não ter hesitado em pôr o ponto circular na parte superior entre o A e o S finais, um pormenor deveras singular.

O carácter cursivo da inscrição manifesta-se em todo o seu conjunto, mas cumpre-nos assinalar: o A sem barra, como se fora um U invertido; o L (da l. 5) gravado como lambda, enquanto o L da l. 2 tem a barra oblíqua; os NN seguramente feitos com um único movimento de mão, atendendo a não apresentarem o vértice pontiagudo; de resto, podemos garantir que, em questão de *ductus*, apenas o E (para a barra intermédia), o R (para a perna) e esse lambda denotam dois movimentos.

O campo epigráfico não foi totalmente ocupado, compreendendo-se o espaço mais amplo deixado inferiormente porque o monumento se destinava a ser colocado sobre um plinto, acima da altura do olhar e, assim, nem sequer se notava o espaço vazio. Também esse pormenor denota o saber do *ordinator*.

A alusão ao possível contexto original do monumento levamos a olhar com mais atenção para a sua tipologia. Está completa a base, em que podemos distinguir uma molduração múltipla: a uma faixa reversa segue-se um cordão, estreito, entre filetes, e depois o soco, que assentava possivelmente em plinto adequado. A reutilização como material de construção na igreja levou a que, do capitel, seguramente simétrico à base na sua estrutura e, eventualmente, até com fôculo e toros, só reste a faixa directa.

Sendo assim, poder-se-nos-á perguntar a razão justificativa de termos voltado a falar desta ara. Só para se completar a descrição física da ara? Não! É que temos outra interpretação da l, o que, pela informação inovadora que apresenta, justifica a sua inserção no *Ficheiro Epigráfico*.

Solicitámos a Hugo Pires a gentileza – que muito agradecemos – de nos preparar o levantamento tridimensional do monumento segundo o Modelo de Resíduo Morfológico² que,

² PIRES (Hugo); GONÇALVES-SECO (Luís); Fonte (João); SANTOS (Maria João Correia) e SOUSA (Orlando), «Morphological Residual Model: a tool for

com tanto êxito, vem desenvolvendo e que, neste caso, surtiu também o melhor efeito (FIG. 2).

Na verdade, necessitávamos de retirar os pontos de interrogação quanto ao significado das siglas, na l. 1, à excepção do S final, por ser comum o desdobramento em S(*acrum*). Mas lográmos assim tomar definitivamente uma opção: não estamos perante decoração de óvalos ou outro qualquer (FIG. 3), mas sim de siglas mesmo, que o lapicida não terá entendido muito bem na minuta, ou que *Severus* poderá ter preferido mandar gravar de forma algo esotérica, como que para não se “comprometer”!...

O que está gravado resulta bem claro (FIG. 4): dois C invertidos seguidos, separados por ponto, vindo depois O também separado por ponto do S, um S que está demasiado inclinado em relação ao *ductus* dos demais da epígrafe, mas que, bem observado, até se aproxima, na forma, do segundo da l. 3. Note-se que o segundo C tem, no vértice inferior, um prolongamento levemente oblíquo para trás. Põe-se-nos, pois, a questão: serão CC invertidos? Não podem ser: são a letra D mal compreendida pelo lapicida! Portanto, como interpretar? Múltiplas serão as hipóteses e cremos que *Severus* poderia querer mesmo manter o segredo. Quanto a nós, porém, a interpretação só pode ser uma: D(*iis*) · D(*eabus*) O(*mnibus*) · S(*acrum*), de que temos exemplos, pois que, nos manuais, assim são essas siglas desdobradas.³ Temos, de parecido, CIL II 3359, de Jaén, que traz D(*iis*) · D(*eabus*) · S(*acrum*) e recordaríamos de imediato uma das epígrafes do santuário de Panóias (Vila Real) que, de certo modo, obedece à mesma mentalidade: *Diis deabusque*

enhancing epigraphic readings of highly eroded surfaces», *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage, Studi Humanisti – Serie Antichista*, Sapienza Università Editrice, 2014, p. 133-144. Este método permite detectar e contrastar pequenas irregularidades na superfície dos suportes, revelando, em certos casos, restos das marcas originais não visíveis a olho nu. O processo inclui a captura de dados tridimensionais da superfície em estudo e a sua análise e classificação através do algoritmo MRM.

³ Hesitámos em ler Q em vez de O, o que daria a fórmula mais corrente D(*iis*) · D(*eabus*) Q(*ue*); contudo, não se nos afigura que, a ser assim, não houvesse na minuta o Q bem explícito.

*aeternum lacum omnibusque numinibus...*⁴ E, entre bastante outros exemplos, poderemos apontar o altar do Museu Galo-Romano⁵ mandado colocar por um *vir perfectissimus, praeses, P. Acilius Theodorus, Diis Deabusque omnibus*. É, de resto, curioso verificar que, amiúde, a dedicatória é feita a uma divindade, mas acrescentam-se todos os deuses e deusas, para de todos se obter a protecção e nenhum fique de fora, naquela ‘primordial indefinição do divino’, de que fala Francisco Marco.⁶

Por conseguinte, a nossa interpretação é a seguinte:

D(iis) D(eabus) O(mnibus) S(acrum) / L(ucius) · ANN/IVS
· SEV/ERVS / V(otum) · L(ibens) · A(nimo) · S(olvit)

Consagrado a todos os deuses (e) deusas. Lúcio Ânio Severo cumpriu o voto de livre vontade.

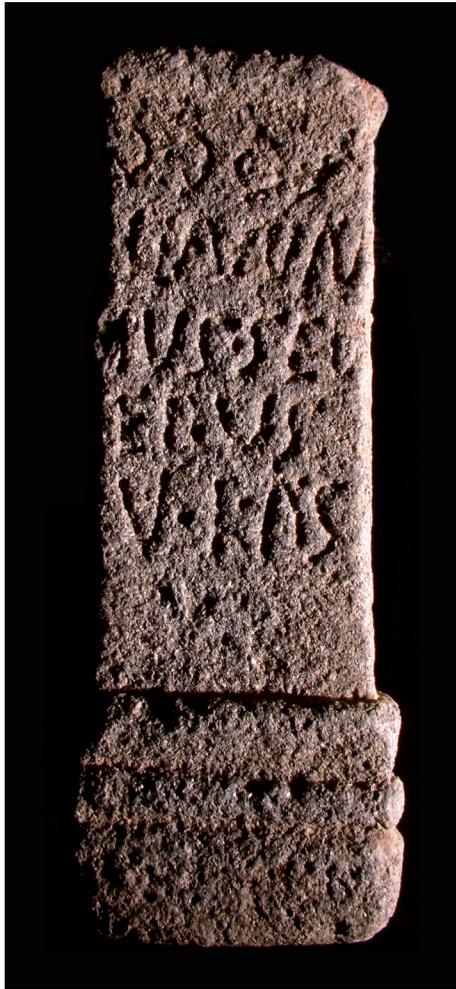
A paleografia aponta para os finais do século II. O facto de a epígrafe estar incrustada numa parede lateral da igreja do povoado indicará a proximidade existente entre o local de culto cristão e um local que já no tempo dos Romanos era considerado consagrado a várias divindades.

PAULA BARREIRA ABRANCHES
JOSÉ D' ENCARNAÇÃO
HELOÍSA VALENTE DOS SANTOS

⁴ Cf. ALFÖLDY (Géza), “Panóias: o santuário rupestre”, in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 211-214.

⁵ Cuja imagem está acessível em <http://www.ubi-erat-lupa.org/imagelink/index.php?Nr=8594>.

⁶ MARCO (Francisco), “*Diis Deabusque*. A indefinição primordial do divino”, in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 17-19.



1

632

ARA ROMANA

IGREJA DA VILA VELHA DE MOURÃO
Levantamento tridimensional



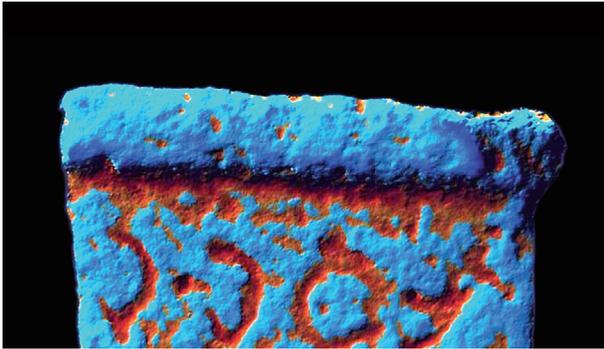
Modelo Digital de Superfície

Modelo de Resíduo Morfológico
ESCALA DE CINZA

Modelo de Resíduo Morfológico
ESCALA DE COR



3



4

632